

FRANCISCO SAMUEL GUEDES NUNES

O IMPACTO DA METANOIA NO DESENVOLVIMENTO DA
PERSONALIDADE HUMANA

Guarulhos

2021

FRANCISCO SAMUEL GUEDES NUNES

O IMPACTO DA METANOIA NO DESENVOLVIMENTO DA
PERSONALIDADE HUMANA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, como requisito parcial para obtenção do título de psicólogo, sob a orientação da Prof^a Luciana Almeida Lima

Guarulhos

2021

FRANCISCO SAMUEL GUEDES NUNES

O IMPACTO DA METANOIA NO DESENVOLVIMENTO DA
PERSONALIDADE HUMANA

Prof.^a Ms. Luciana Almeida
Orientadora
Faculdades Guarulhos

Prof.^a Rosângela Ortigosa
Banca Examinadora
Faculdades Guarulhos

Prof.^a Magna Barboza Damasceno
Banca Examinadora
Faculdades Guarulhos

Guarulhos

2021

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar e pela nobreza de toda sua alteza, alteza que me conferiu o livre arbítrio, mas antes, me permitiu ter pais maravilhosos, um deles viveu ao meu lado até meus doze anos, e quando se foi uma parte minha o acompanhou, porém, à medida que o tempo passou e hoje sob a concepção da minha metanoia, percebo que uma grande parte dele vive entranhado de alguma forma em mim.

Sou grato a todo corpo docente, por cada aula, que aos poucos foram me fazendo ver sentido no alcance da psicologia.

Estendo os agradecimentos à minha orientadora, a professora Luciana Almeida, que neste trabalho de conclusão de curso, tem me respaldado com muito profissionalismo e gentileza em todas as dúvidas desta construção.

Agradeço a minha amada Bruna, a qual já compartilho uma vida e, janelas e portas do meu coração, por ter acreditado incondicionalmente no meu potencial e me incentivado em tudo e, principalmente, por todo o bem que me faz, por isso reservei esse último parágrafo de agradecimentos para ela, assim como os muitos dias que me restam para viver.

EPIGRAFE

“Sábio é o ser humano que tem coragem de
ir diante do espelho da sua alma
para reconhecer seus erros e fracassos
e utilizá-los para plantar as mais belas sementes
no terreno de sua inteligência. “

RESUMO

No presente trabalho buscou-se apresentar aspectos preponderantes para abordar o impacto da metanoia no desenvolvimento da personalidade humana, respaldado por autores que contribuíram para a difusão da psicologia analítica e seus preceitos. Para ilustrar a relação entre os principais conceitos abordados na teoria analítica e como as estruturas distintas se relacionam de forma concomitante, realizou-se a análise do filme “O mestre da vida”, do diretor de cinema George Gallo (2006). No término desse trabalho, foi possível compreender que os motivos internos e externos corroboram significativamente para a estruturação da personalidade humana como um todo, seguindo rumo a individuação, perpassando por todos os embates arquetípicos, sob a influência da metanoia.

Palavras-chave: Metanoia; individuação; arquétipos; puer-senex.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	7
2	OBJETIVOS	8
2.1	OBJETIVO GERAL.....	8
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3	REVISÃO DE LITERATURA	9
3.1	CONCEITOS DA TEORIA JUNGUIANA	9
3.1.1	Arquétipo.....	9
3.1.2	Anima e Animus.....	9
3.1.3	Eu (ego).....	10
3.1.4	O propósito do equilíbrio entre as polaridades.....	10
3.1.5	Puer-Senex	11
3.1.6	A atuação do si-mesmo (Self)	12
3.1.7	Sombra	12
3.2	METANOIA E INDIVIDUAÇÃO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA PERSONALIDADE	14
3.3	O PROCESSO TERAPÊUTICO NA ANÁLISE JUNGUIANA, CONSIDERANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA METANOIA	17
3.3.1	Breves considerações sobre a análise junguiana	17
3.3.2	Relações do ego e persona na metanoia	18
3.3.3	Um terceiro lugar na terapia frente a persona x sombra.....	19
3.3.4	Os arquétipos em sentido da individuação, sob a influência da metanoia.....	20
3.3.5	A relação puer-senex na metanoia.....	20
4	MATERIAL E MÉTODOS	22
5	ANÁLISE DO FILME “O MESTRE DA VIDA”	23
5.1	DESCRIÇÃO DO FILME.....	23
5.2	ANÁLISE DO FILME	27
5.2.1	Primeira cena.....	27
5.2.2	Segunda cena.....	28
5.2.3	Terceira cena	28
5.2.4	Quarta cena.....	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 INTRODUÇÃO

Para a Psicologia do Desenvolvimento, durante o ciclo de vida humana, é importante conhecer aspectos do desenvolvimento que compõe a constituição do sujeito e sua personalidade.

A teoria de Carl Gustav Jung (1875-1961), contribui significativamente para que se possa alcançar uma compreensão acerca desses aspectos, porque dispõe de conceituais básicos que permite pensar sobre subjetividade, relações arquetípicas, a função do equilíbrio entre as polaridades sob a influência da metanoia, entre outras. Fatores contextuais, relacionais e individuais que auxiliam essa compreensão e proporcionam uma reflexão em relação à temática.

Para dar início ao presente trabalho, é importante considerar e conceituar os principais preceitos teóricos abordados e entender de que forma eles são citados na literatura. Uma vez estes conceitos estabelecidos, partiremos para análise do filme “O mestre da vida” (2006). O intuito é, por meio do filme, ilustrar os conceitos contemplados de modo a evidenciar a forma como se dão de acordo com a premissa aqui estabelecida que é: “como se dá a relação ego e self diante do processo de metanoia?”.

Metanoia que surge na segunda metade da vida, propiciando uma transcendência no modo em que o homem contempla a sua subjetividade, permitindo muitas vezes, questionamentos dos próprios valores de forma minuciosa.

Esse estudo busca, ainda, demonstrar o quanto a teoria analítica é importante para se compreender sobre o ser e sua personalidade, assim como ele se constitui e se relaciona com as instâncias psíquicas que o cerca.

Desse modo, torna-se relevante que se realizem discussões teóricas acerca da temática em questão, para uma verdadeira compreensão.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar o impacto da metanoia no desenvolvimento da personalidade humana, a partir da perspectiva da teoria analítica.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Enfocar conceitos básicos da teoria analítica, e de modo mais específico o de metanoia e sua perspectiva voltada para a segunda metade da vida;
2. Compreender o processo terapêutico na análise Junguiana, considerando as contribuições da metanoia;
3. Ilustrar os conceitos por meio da análise de um filme.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 CONCEITOS DA TEORIA JUNGUIANA

Para compreender os principais elementos da teoria analítica e de que forma atuam como um todo, se faz necessário melhor aclarar os protagonistas desse cenário. Para tanto:

3.1.1 Arquétipo

Os arquétipos são, por definição, fatores e temas que ordenam elementos psíquicos, formando determinadas imagens (a ser designadas como arquetípicas), mas de uma maneira que só podem ser reconhecidos pelos efeitos que produzem. Eles existem pré-conscientemente e, supostamente, formam os dominantes estruturais da psique em geral [...]. Como condições a priori, os arquétipos representam o caso especial psíquico do “padrão de comportamento” familiar ao biólogo e que empresta a todos os seres vivos seu tipo específico. Assim como as manifestações desse plano básico biológico podem se alterar no curso do desenvolvimento, as do arquétipo também o podem. Empiricamente, contudo, o arquétipo nunca surgiu dentro do alcance da vida orgânica. Ele entra em cena com a vida (JUNG 1948, *apud* JACOBI 2017, p. 374).

De acordo com Jacobi (2017, p.37-38), a complexidade arquetípica perpassa uma incógnita incomensurável, pois se trata de uma estrutura ainda pouco conhecida no tocante a sua origem, pois não há de fato, uma conceituação acerca de suas raízes, mas uma transcrição de alguns elementos presentes nessa instancia psíquica, por assim dizer. Seu nascimento se dá de forma natural, biológica, empírica, no que tange seu meio contextual, portanto, não é possível conceituar com exatidão suas origens, visto que a metafísica não explana essa questão, mas sim, se integra a mesma. No que se refere ao desenvolvimento do arquétipo, Jung modificou e alterou algumas implicações a respeito dos conceituais básicos da temática arquetípica, mas, considerando desde sempre a relevância de pertencer ao inconsciente coletivo, e integrando novas nomenclaturas como “imagem originária” e “imagem protótipo”, definições essas que se ampliaram ao longo do tempo.

Para Stein (2006, p.14), o inconsciente coletivo pode ser entendido como uma herança psíquica no cerne da humanidade, como uma condição preestabelecida, e reside profundamente no inconsciente.

3.1.2 Anima e Animus

Segundo Jacobi (2013, p.85), nossa forma relacional individual compreende uma manifestação na psique sexualizada analogamente ao gênero masculino e feminino, condição essa originária da própria constituição do ser, que é inato.

Assim como no arquétipo da sombra, que atua sob domínios internos e externos, a anima e o animus também o faz. São características observáveis por meio de projeções em relação ao sexo oposto que nos damos conta de que isso faz parte do nosso eu interior, promovendo a chamada imagem da alma/espírito.

Para Jung (1982, p.12), a representação feminina do inconsciente na figura masculina se denomina anima, e possui propriedades inerentes, ou seja, constitutivas do próprio inconsciente, portanto, não se trata de uma armadilha do mesmo, mas de uma condição dele próprio. Já na figura feminina em correlação a tal exposição é de certo modo regido por um arquétipo de fecundidade masculina, o animus.

A mulher é compensada por uma natureza masculina e por isso, seu inconsciente tem, por assim dizer, um sinal masculino. Em comparação com o homem, isso indica uma diferença considerável. Correlativamente, designei o fator determinante de projeções presente na mulher com o nome de Animus. Esse vocábulo significa razão ou espírito. Como a Anima corresponde ao eros materno. O Animus corresponde ao Logos paterno (JUNG 1982, p.12).

3.1.3 **Eu (ego)**

Segundo Jung (1982, p.1), o vocábulo “Eu”, ocupa toda a densidade consciente que o sujeito tem de si mesmo, suas características relacionais e personalidade empírica, total. Portanto, esse conteúdo psíquico está presente em todos os atos conscientes do sujeito e em como ele se reconhece.

Para Stein (2006, p.23), a definição de ego se refere diretamente ao centro da consciência, como uma espécie de leme que percorre as experiências vividas para se constituir enquanto gerente dos conteúdos conscientes. Do mesmo modo que qualquer conteúdo que ultrapasse a barreira do inconsciente para o consciente, este permanecerá sob o domínio do ego.

3.1.4 **O propósito do equilíbrio entre as polaridades**

Em consoante a Jacobi (2013, p.81), para a real formação da personalidade, os opostos abrigados tanto no consciente quanto no inconsciente, devem ser subsidiados, para que dessa

forma o reflexo da personalidade possa resplandecer sua verdadeira natureza, ainda que seja uma tarefa para toda uma vida, não há razão para que tal busca fique à mercê da sorte.

Conforme Jung (1991, p.193), os pares de opostos (polaridades) devem possuir energia equivalentes em cada extremidade, superando qualquer tipo de inclinação que leve um fluxo maior a qualquer das partes, para que deste modo, o equilíbrio tenha um caráter libertador.

Prossegue, (Ibidem, p.198) fazendo analogia com o gnosticismo hindu, referenciando a divindade brama como origem do universo, o próprio axioma da vida, que incita o ser (homem/psique) a uma posição de contenção e compensação de energia, para que desta forma a libido não se oriente especificamente a um dos lados dos opostos. Pois, a expansão de um dos polos, extravasaria demasiadamente o estado de equilíbrio do par.

O sentido da intenção hindu é bem claro: quer libertar, dos opostos a natureza humana em geral, para que chegue a uma nova vida em brama, que é o estado da salvação e também Deus. Brama deve significar, pois, a união irracional dos opostos e sua definitiva superação (JUNG, 1991 p. 193).

3.1.5 Puer-Senex

Os arquétipos puer-senex são contemplados de forma bastante valiosa na teoria analítica e são considerados elementares para a compreensão dos conteúdos a serem discorridos no presente trabalho. Portanto:

O senex indica, em seu lado positivo, os seguintes traços psicológicos: equilíbrio, sabedoria, generosidade e previsão. Em seu lado negativo, traz hiper conservação, autoritarismo e falta de imaginação. O mesmo autor afirma sobre o puer que este designa vivacidade, impaciência imaginativa e possibilidade de renovação. Em seu aspecto negativo, cita dificuldade de existir no lugar que o indivíduo já se encontra verdadeiramente (Pieri 2002, *apud* PANDINI 2014, , p.59).

Conforme Ferrantini (2019, p.86), a representação do arquétipo do puer, segundo a teoria analítica, se refere aos preceitos humanos ligados a jovialidade, se apresenta sempre no princípio de novas estações, independentemente do tempo cronológico em que o indivíduo se situe, pois é dotado de entusiasmo e faculdades criativas.

Antagonicamente, o arquétipo do senex, se apresenta não no princípio como o puer, mas posteriormente a terminante estação, trazendo então a ideia de que um pode coexistir paralelamente ao outro, se presentificando nas etapas de vida do desenvolvimento humano, ou seja, em qualquer tempo da vida humana.

3.1.6 A atuação do si-mesmo (Self)

De acordo com Jacobi (2013 pg. 91,92,93), o self possibilita que os conteúdos residentes no inconsciente se manifeste, pois é um arquétipo capaz de confrontar nosso lado escuro e nossas diferenciações físicas quanto ao nosso outro gênero, assim como nossa alma e essência progênie passam a trilhar caminhos na transparência, sem permanecer cativo a altivez do espírito, também surge a necessidade de confrontar a persona, embate essencial para prosperidade da personalidade, pois a ação do “si-mesmo” muda a perspectiva do “eu” consciente, por meios de enfrentamentos psíquicos, por ser capaz de se relacionar com todos os arquétipos.

A jornada é tempestiva, psicologicamente confusa, aspectos outrora desconhecidos passam a integrar a região pátria da sapiência humana, entrando em embate, com a finalidade de encontrar harmonia com os conteúdos já existentes.

Após o triunfo de todo este prisma, ergue-se uma regência não concernente à esfera consciente ou inconsciente, mas sim, uma conexão abrangendo ambas, em que o homem terá desvendado o ser que de fato foi premiado com o retrato real da personalidade, por estar no passo fim, em prol da individuação, o que Jung intitula “tornar-se si-mesmo”.

A concepção desta nova estrutura não tem como característica apenas a transposição de um novo recinto psíquico, mas todo o comportamento vital superior é modificado.

O imprescindível material do “si-mesmo”, trazendo à luz da compreensão, se estende ao “eu”, porém, este “eu” agora é individuado, seu caráter recebe função inédita e de maior expressão, pois há uma movimentação de dois polos integrados (consciente e inconsciente) agindo em detrimento da individualidade autêntica.

3.1.7 Sombra

Conforme Jung (1982, p.6-7), reconhecer os aspectos obscuros da personalidade de modo como há na existência humana, refere-se a compreensão consciente da Sombra. Esses traços desprezíveis do caráter, ou seja, conteúdos constituintes da sombra, detêm autossuficiência e uma natureza emocional possessiva, dificultando a compreensão do julgamento moral e se apresentando de modo um tanto quanto primitivo. A sombra, como um traço da personalidade humana, se utiliza de projeções inconscientes, identificáveis por meio do campo do “outro”, pois o caráter de sua natureza, a priori, reside no inconsciente e os

resultados das projeções no meio compartilhado refletem a dificuldade para o “eu” possuir clareza sobre os aspectos fantasiosos da plenitude que se cerca a existência humana.

Para Jacobi (2013, p.83), a sombra é mitologicamente conhecida como sinônimo de mau-agouro quando outro passa por cima da mesma, é um arquétipo incorporado ao próprio ser. Ela é abarcada em diversos contextos, onde sua predominância se dá pelas vias da arte, que migra para o inconsciente de muitos com imagens, vocábulos e gestos. Entretanto, seu conteúdo, que dispõe de materiais aversivos aos princípios da moralidade, é censurado pelo consciente por não corresponder ao que se é esperado pela sociedade. A sombra pode ser encontrada em aspectos internos e externos, de formas variadas. Em seu meio interno, de maneira personificada, no mundo onírico. Já em sua forma exterior, mais tangível ao cerne de nossa personalidade, ela corresponde a parte sombria, que se exalta, murmura, reprime instintivamente nosso lado obscuro, ao qual nos pertence, mas é negado, velado. Portanto, transita sob os domínios do inconsciente pessoal e coletivo.

3.2 METANOIA E INDIVIDUAÇÃO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA PERSONALIDADE

Conforme Gaeta e Mendes (2016 p.44-45), o vocábulo Metanoia é de origem grega que designa conversão inerente as características próprias da manifestação da natureza individual, fazendo alusão a uma nova perspectiva de como enxergar o mundo, assim como forma de manifestações com este, perspectiva a qual é capaz de modificar princípios que foram preconcebidos, delineados até então.

Os conceitos Junguianos relatam sobre a metanoia, que é ilustrada na segunda metade da vida, sendo o momento de retomada da consciência, possibilitando que o ser se desenvolva como humano, direcionando-se ao mundo interno e integrando aspectos conscientes com os inconscientes, ficando evidenciada uma ascendência espiritual, e desse modo o cenário ganha nova perspectiva com relação ao eu (ego) e o si mesmo (self).

Esse transcurso típico da meia-idade, a metanoia em si, não tem uma implicação rigidamente cronológica, pois ela é dependente do desenvolvimento subjetivo e envolve homens e mulheres, sujeitando-os a uma evolução de um estado de identificação, para outro de maior sensatez, o processo de individuação tem como resultado uma consciência ampliada, as expressões da personalidade que foram omitidas surgem, outras questões erguem-se como: o defrontar-se com uma nova realidade física, o abrir mão da juventude torna-se essencial para a realização do si mesmo.

Este fenômeno de crise psicológica tem como consequência a confrontação dos valores que se invertem, valores que foram construídos sob: sombras; personas e ego, arquétipos necessários para que o desenvolvimento exterior ocorra de uma maneira mais enfática, típico da primeira metade da vida, que é a expressão egóica, o que dá lugar para um ambiente interior de fecundidade transcendente constante.

As consequências desse embate intrapsíquico que opera de forma integrada, se direcionam para um contexto mais balanceado e expansivo, se modificando continuamente, visto que o ser humano está sempre num processo infinito de desenvolver-se. Desse modo, no que se refere a totalidade, essa ampliação da consciência ultrapassa a tutela do ego, a marca deste transpasso, e tem como ponto a ser almejado um triunfo, ao qual as dependências das instâncias psíquicas, por assim exemplificar, o “eu”, supera seu próprio papel, com intuito de receber auxílio das demais instâncias, a fim de uma totalidade, o qual a unidade é superada pela composição da integração das frações dos demais conteúdos psíquicos.

As andanças da autoestrada que levam ao percurso da metanoia tem como ponto cardinal a transcendência, de cunho espiritual, um olhar mais rebuscado e minucioso, promovendo uma convergência do self em detrimento do ego, trazendo à tona a aquisição de novos valores e novas perspectivas, frente a vida.

Para Arcuri (2012, p.88), quando a travessia da vida não foi sinônimo de alegrias, conquistas ou vitórias, a expansão da própria consciência em virtude da metanoia também poderá cobrar o seu preço ao valor da depreciação do viver.

De acordo com Pandini (2014, p.26,27), o impacto da metanoia na pessoa tem como consequência uma concepção reformulada no ego, em virtude da inserção de energias, semelhante a um despertar os demais arquétipos, e principalmente o caráter do self, o qual pode manifestar uma natureza atípica quando comparada a como se constituiu o ego até então, ocasionando, por assim dizer, o embate em relação ao propósito real da vida, impactando em um esgotamento de sentimentos, análogo a melancolia, quando o ego escolheu caminhos divergentes da essência do self e por consequência, este embate reflete em todos os aspectos relacionais, consigo, com o mundo e com o outro.

Justamente a busca de sentido para a vida e a necessidade de descobrir quem se é são os aspectos que podem trazer os maiores impactos para as pessoas na metanoia. Por meio dos impulsos enviados pelo o self, o centro organizador da psique, principal arquétipo do inconsciente coletivo, o ego pode ficar mobilizado por sentimento de depressão e estranhamento. A pessoa na metanoia começa a se dar conta de que os papéis que desempenha e a qualidade das relações afetivas não se harmonizam como antes (PANDINI, 2014 p.176).

Segundo Ferrentini (2019 p.70), para Jung e outros autores, a finalidade da psicologia analítica tem como proposta o desdobramento da individuação.

A vida humana se desenvolve em diversas esferas, e não obstante essa realidade, ocorre a individuação, que por ser uma propensão arquetípica, perpassa os horizontes grupais, compartilhados, para o mais próprio, anômalo. Portanto, o ato de individuar-se é um fenômeno que decorre ao longo de toda a vida humana, do berço à sepultura.

Por assim dizer, trata-se de um conteúdo latente, presente no cerne da humanidade que promove um novo olhar sob perspectivas das naturezas apriorísticas do homem.

Conforme Jacobi (2013 p.82), na individuação, o processo de maturação das vivências humanas possui características categóricas, preexistentes, que se sucedem em duas etapas, a da primeira e segunda metade da vida.

O interim da individuação é repleto de contornos que se culminam e se moderam respectivamente. Na primeira metade de vida, apresentando de forma muito demarcada, esses

contornos são de natureza exterior, pois tem como objetivação a formação do eu, contemplando assim, o fortalecimento da persona, e a formação na maneira pela qual o sujeito possa se apresentar à sociedade, de um certo modo, correspondendo ao que se é esperado pelos padrões ditados e em sua formação relacional como um todo. Já na segunda metade da vida, os contornos são de natureza interior, introjetando os aspectos inconscientes ao consciente, como uma espécie de um retorno, bem como, propiciando uma elaboração para a finitude humana. É esse o caminho que transpassa a individuação, sendo considerada também uma extensão da personalidade.

3.3 O PROCESSO TERAPÊUTICO NA ANÁLISE JUNGUIANA, CONSIDERANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA METANOIA

Todo guia de almas só poderá levar seus orientandos até o ponto em que ele próprio chegou (JACOBI, 2013, p.62).

3.3.1 Breves considerações sobre a análise junguiana

Segundo Jacobi (2013, p.62-63), os preceitos de Jung motivam um enfrentamento psíquico entre paciente e terapeuta, visto que esses dois sistemas têm como finalidade o encontro com um terceiro lugar. Isso faz com que o terapeuta (Psicólogo), deva ter claramente a compreensão de que ele não somente participa do processo terapêutico, mas o adentra, participando ativamente, tanto quanto seu próprio paciente. Essa convergência de duas personalidades num mesmo cenário promove um elo de modificação mútua, por meio de um procedimento dialético.

A abordagem junguiana prevê uma atuação diferenciada, pois promove uma diligência diretiva, pragmática, com a presença de muitos confrontos, munindo assim, a aplicabilidade clínica da teoria junguiana, com um viés muito eficiente, pois este estabelece a relevância do processo psicoterapêutico também para o analista, respeitando e atentando-se as potências existentes e inerentes de seus pacientes, guiando-os em prol do desenvolvimento psíquico mais plausível possível, dentro de sua própria fronteira.

A análise tem como objetivos iniciais quatro etapas, sendo elas: o artifício da associação, que busca explorar as manifestações das demandas; depois a inspeção da sintomatologia, e aqui o intuito é fazer o paciente rememorar o prelúdio do sintoma, com a finalidade de chegar ao núcleo (raiz), observando o material de origem. A anamnese também faz partes das recomendações, após uma minuciosa investigação, no que tange o campo da responsabilidade do ego, e a próxima etapa é lidar com os conteúdos mais profundos, no material recalçado.

Conforme Jacobi (2013, p.81), é no trabalho prático da psicoterapia que o analista deve compelir o paciente a estabelecer uma maturação suficiente (metanoia), sobre seus processos inconscientes, de modo que este possa concernir nível após nível novas perspectivas acerca do seu próprio ser, a essência mais profunda de nosso aparelho psíquico, o self.

Em tais casos, constitui um trabalho analítico intensivo que, sob a mais rigorosa integridade e direção da consciência, concentra-se no processo intrapsíquico através de uma máxima ativação dos conteúdos do inconsciente, revolvendo todos os pares contrapostos, experimentando vivamente sua estrutura e atravessando todas as

desventuras de uma psique que saiu dos eixos, e vai perpassando, camada após camada, até conduzir àquele centro que representa a fonte e o último fundamento de nosso ser psíquico: o núcleo interno, o Si-mesmo (JACOBI, 2013, p.81,82).

De acordo com Jacobi (2013, p 81, 82), a jornada em prol da individuação enseja na singularidade e no caminho alcançado pela subjetividade, o que nos faz entender que nem todos terão acesso a tal conquista, pois não existem regras ou trajetos determinados *à priori*. É fundamental o auxílio neste percurso de um “condutor de almas,” responsável por administrar os conteúdos emanados do inconsciente, para que o ego não se envaideça ao ponto de inibir a energia transformadora do inconsciente.

É imperioso que a consciência amadureça, e, o tempo previsto para este desabrochar é configurada na segunda etapa da vida.

As contribuições do trabalho analítico neste enredo, não limitando a imagem do processo terapêutico como um todo, mas uma fração deste em grande parte, é amparar o campo da consciência, pois o ego receberá do self fluidez de energia, como um reivindicar do seu lugar, o qual elementos inconscientes se integram aos conscientes, e este percurso perpassa por vários embates.

3.3.2 Relações do ego e persona na metanoia

No aparelho psíquico, o arquétipo da persona inicia-se primordialmente no ínterim da primeira cena da vida, forjada para refletir as camuflagens do ego e também as incumbências do meio exterior. Porém, na segunda cena da existência do homem, a persona terá que experimentar uma readaptação, pois um suscitar de mudanças de pensamento e caráter implicará em diversas mudanças auxiliadas pela austeridade da metanoia. Para elucidar melhor a correlação entre persona e ego como mais um enfrentamento, recorro à seguinte citação:

...que explica haver uma correspondência continua entre o ego e a persona. Quando o ego é rígido, temos uma persona rígida, como uma armadura que esconde o sujeito. Também se observa grande utilização de defesas obsessivas compulsivas. O contrário, quando o ego é frágil e imaturo, há uma tendência a se adotar posturas miméticas, na tentativa de ser aceito pelo outro que se copia (Ulson, 2006, apud PANDINI, 2014, P.28)

Deste modo é possível salientar o quanto a persona reflete incessantemente o estado do ego, bem como fica evidente que o fruto de um ego forte é uma persona rígida e de um ego fraco é uma persona flexível.

Consoante a Stein (2006, p.107), na proporção que o ego vai maturando, suas iniciativas tendem a proclamar uma espécie de emancipação sobre o propósito anterior, voltado a todos os campos das relações com o mundo e com o outro, denotando desorganizações. A conjuntura do ego passa a arcar com as inclinações voltadas aos sentidos íntimos, esse cenário impacta diretamente na persona que pode estar entranhada a uma fração egóica que ainda comunica com as relações externas, deste modo, configurando uma contraposição dos arquétipos.

Para Jacobi (2013, p.32), uma persona eficaz é capaz de estabelecer uma entoação com o mundo interno e externo benignamente, mas uma identificação que não atenda a verdadeira natureza do ego, e sim com uma projeção da ordem do inconsciente, como imagens imodestas ou que denotem ocupar forças surreais ou ainda em oposição, imagens de fragilidade, ser volúvel, o efeito poderá ser disruptivo, angariando deste modo enfermidades.

3.3.3 Um terceiro lugar na terapia frente a persona x sombra

Em conformidade a Stein (2006, p.111-113), a totalidade, ser individuado, depende da integração dos pares dos contrapostos. O legado da sombra é justamente se opor a persona, se uma é luz a outra é ausência de qualquer fonte luminosa, se as atitudes de uma se orientam à maleficência, na contramão desta, a outra propende para as compaixões, todavia há a administração do ego perante estes pares, o censo egóico gerencia a margem ao qual serão lançadas tais características, o limiar da consciência ou do inconsciente, as atribuições da persona concernente as inspirações do ego conquistarão expressões, e todo material avesso a tal inspiração será recalcado no inconsciente, na sombra, como se esse violasse os preceitos da sociedade ou do próprio eu.

Porém, à medida que uma dessas polaridades se relaciona extremamente com seu próprio realce, analogamente a uma supervalorização ou grande orgulho da sua própria estrutura, ressurgem um paradoxo, pois, se há um extremo apreço com a persona, a mesma força deste apreço também fortalecerá o conteúdo recalcado da sombra, implicando em um afastamento ainda maior desses contrapostos. No entanto, é possível estimular o ego para um terceiro lugar ao qual seja possível uma espécie de fusão, que não o lugar do primeiro, a persona, ou do segundo, a sombra, apenas para dar notoriedade a um terceiro lugar, pois os demais lugares são estreitamente defensores de suas estruturas, ou de certo modo, do seu caráter, para se flexionarem ao ponto de uma integração. O processo terapêutico neste contexto tem uma contribuição muito significativa para lidar com todos esses embates.

De acordo com Pandini (2014, p.77), há uma relação de equivalência de uma persona inflexível com a sombra, a necessidade do estado sólido da máscara se dá pelo fato da inibição dos conteúdos recalçados, no entanto o processo da metanoia traz à luz potencialidade de conflagrações com esses conteúdos restritos.

3.3.4 Os arquétipos em sentido da individuação, sob a influência da metanoia

Para Stein (2006, p.122), as demandas sociais, culturais e de foro íntimo, exigem uma gestão equilibrada para enfrentar as relações, emoções, pensamentos e sentimentos que, naturalmente, são ocasionados pelo simples fato de o sujeito estar imerso nessas realidades coexistentes.

Sendo assim, os conflitos que transcorrem também pelo arquétipo da persona, visto que é ela quem irá dar corpo para as implicações atribuídas pelo ego, ou seja, ela é quem se apresentará, roupando e delineando todos os contornos observáveis do ponto de vista externo. E é então, no exato momento em que a persona é desenroupada, desnudada, é que a anima/us encontra uma brecha para o acesso do inconsciente, e, é na meia idade (metanoia), quando o ego é incitado, inflamado pela formação desse conflito acerca da persona, anima e animus, é que emerge a urgência, a ânsia para um desdobramento e olhar mais fecundo para dentro, uma verdadeira peregrinação no mundo interior, que tem como propósito e linha de chegada, a individuação, impelindo um contato mais intrínseco e singular.

Ainda segundo Pandini (2014, p.56), no que rege a universalidade do self, a metanoia incita uma reformulação de longa escala no ego, atingindo diretamente as demais instâncias psíquicas, arquétipos como animus e anima, sombra e persona. Posteriormente, essa unificação significativa dos polos opostos se correlaciona, viabilizando uma alteração na personalidade e, portanto, a integração, individuação.

Em consonância a Stein (2006, p.156), o autor conceitua as relações dos arquétipos acima discorridos, como trajetos a serem desbravados em prol do processo de individuação, atribuindo valor ao desenvolvimento da persona e do ego na primeira cena da vida, assim como suas contribuições ou heranças deixadas para o inconsciente. Na segunda cena da vida o propósito é integrar, confrontando a sombra, animus e animas, além do próprio surgimento do self.

3.3.5 A relação puer-senex na metanoia

Segundo Pandini (2014, p.32), para a boa disposição mental, as modificações expressadas pela metanoia, não podem deixar de subsidiar polaridades como o puer e o senex, pois se o velho sábio, na figura do arquétipo senex, for negligenciado, glórias como erudição, conhecimento, gnose por exemplo, estariam à deriva, da mesma forma, a criança na figura do arquétipo puer, que traz aspectos como a animação, franqueza, etcetera.

De acordo com Ferrentini (2019, p.87), as modificações da metanoia frente as características do puer em um cenário de finitude pode consequentemente inibir sua atuação, pois se deparar com a passagem do tempo também é ter consciência que já não resta muito a oferecer ou a receber, e o senex pode nesta fase ficar confinado aos costumes diários.

Consoante a Pandini (2014, p.62- 63), o equilíbrio funcional entre o puer e o senex levando em consideração a segunda cena da vida tem seus embaraços. Podemos refletir que as ponderações da idade podem levar o ser à predileção ao velho sábio, pois, a concepção de que as transformações ocasionadas pelo tempo, nos direciona a oferecer adjetivos à idade de sabedoria correlacionada as próprias experiências vividas, o que de certo modo, tem potencial para inibir as características atreladas do puer, considerando suas manifestações natas como a criatividade e a capacidade de promover novas nuances sobre o mundo interno e externo.

Cabe salientar que a integração do senex e do puer em face da metanoia é de grande expressão na vida do homem, pois permite que o mesmo não viva na divisa apenas de um dos lados destes arquétipos, a “ótica” minuciosa da metanoia é dotada de características que permite com que a sabedoria e equilíbrio do senex entenda que ela é dependente também das atitudes criativas e o ímpeto do puer e vice e versa. Para tanto:

Por meio dessa imagem tão poética, podemos vislumbrar as possibilidades criativas da metanoia quando as qualidades puer-senex estão ativas na consciência. Durante a vida, forma feitos plantios e, em algumas estações, colheitas. Na metanoia, tem início o recontar do que já foi vivido, plantado e colhido. Também se inicia o recriar- o recriar daquilo que já foi vivido, ressignificando tudo isso por meio de um olhar mais amplo e mais profundo. Há ainda a recriação da personalidade como um todo, agora com os opostos do vivido psicologicamente entrando em atividade na consciência (PANDINI 2014, p.61).

4 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho partiu da concepção de que para se estudar um fenômeno deve-se compreendê-lo e interpretá-lo a partir dos seus significados e do contexto em que está inserido. Para isso, a organização consistiu na escolha do tipo de revisão bibliográfica narrativa. De acordo com Rother (2007, p. 1), a revisão narrativa utiliza-se “da aquisição e atualização de conhecimento sobre um determinado tema em curto período de tempo” [...] “para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual”. Constitui-se basicamente “da análise da literatura, da interpretação e análise crítica pessoal do pesquisador. Ou seja, no presente trabalho, esse tipo de pesquisa se propôs a aquisição e atualização de conhecimento sobre o processo da metanoia influenciando no desenvolvimento da personalidade. Como fonte dos dados serão utilizados artigos, livros e produções acadêmicas em geral que abordem o tema em questão.

Repositórios selecionados:

Os repositórios pesquisados foram, preferencialmente: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A primeira foi escolhida por se tratar de um repositório de periódicos da área da psicologia, o segundo foi utilizado por ser um repositório de teses e dissertações nacional, que contém produções de programas de todo o país.

Além disso, buscou trabalhar com análise de filme, por apresentar aspectos relevantes da temática em questão.

A metodologia de análise desse filme está baseada na teoria de Walter Benjamin, que compreende que a arte é em si, uma forma de expressar as diversas vivências humana.

Uma das principais tarefas da arte sempre foi criar um interesse que ainda não conseguiu satisfazer totalmente (WALTER BENJAMIN, 1940).

Foram analisadas cenas do filme, buscando compreender por meio desta composição artística como e de que modo o ser humano modifica suas percepções e formas relacionais ao longo do tempo, enfaticamente no período em que a metanoia se estabelece, e a partir de então, quais são suas principais premissas e influências na personalidade, sob a ótica da teoria junguiana.

5 ANÁLISE DO FILME “O MESTRE DA VIDA”

5.1 DESCRIÇÃO DO FILME

O filme “O mestre da vida” escrito pelo produtor George Gallo (2006), baseado em fatos reais, relata a história de um jovem, John (Trevor Morgan) que vive no seio de uma família tradicional, em Nova Iorque no ano de 1974, e está em busca de aprimorar seus conhecimentos na arte, especificamente na pintura figurativa.

O longa metragem se inicia com a narrativa do próprio personagem John, que alega se sentir perdido, precisamente à deriva, fazendo uma analogia a homens esquecidos em uma balsa em meio ao mar relacionando sua própria desesperança. Mas havia um sentimento entranhado consigo, que ele estava predestinado a deixar sua marca no mundo, e em um verão, o jovem, tomado por uma onda de incitações, conheceu Nicholi Seroff (Armin Mueller-Stahl), um senhor que possui conhecimentos incríveis acerca da arte, além de ser um renomado escritor.

A relação de ambos se inicia quando John vai ao comércio do Sr. Yammi (Charles Durning), buscar acessórios para pintura, e encontra na loja um quadro que lhe chama muito a atenção, o deixando encantado pelo delineado da obra representativa.

Observando a manifestação de apreço do jovem por aquela arte, Yammi indaga ser um Seroff, se referindo ao quadro. John prontamente questiona se o proprietário o conhece ou se sabe onde reside, tendo como devolutiva que mora no final da rua, mas que ninguém o conhece realmente, pois não passa de um velho desgraçado que não tem nada a oferecer, acrescentando que poucas foram as vezes em que eles estabeleceram algum contato.

Após algumas frustrações na tentativa de se relacionar e aprender com Seroff, é que John encontra uma abertura para conhecer melhor o senhor e se depara com o verdadeiro sentido da arte, pois o velho sugere que ele vá para a Universidade, mas é surpreendido com a resposta de John, que relata que não se ensina arte nesse lugar. O velho imediatamente concorda, afirmando que realmente não se ensina e que Deus os livre de ensinar algo tão substancial e figurativo, visto que há uma limitação para a criatividade na universidade, pois os alunos jamais devem conhecer ou saber mais do que os mestres. Para ele, só é possível criar arte quando o sujeito faz as pazes com a mortalidade, se situando em um estado de libertação e credo, reverenciando o “ser maior”, elevando-se assim, conseqüentemente.

Na cena seguinte, eles vão juntos para o ateliê de Nicholi, e é lá que eles discutem sobre várias teorias de grandes pintores que marcaram a história da arte, e em um dado momento, John discorda de uma vertente que o amigo discorre, sendo acometido por uma afirmação curiosa, advinda de Seroff, que é a seguinte frase: “Tudo bem, me ensine algo então,

imprestável”. Isso revela o potencial criativo e a condução pacificadora e assertiva do velho na relação que se estabelecera nesse momento.

O jovem John está vivenciando um momento muito conflituoso em sua vida, pois seu pai não enxerga com “bons olhos”, sua apreciação pela arte, muitas vezes, até mesmo, vinculando essa prática a homossexualidade. Isso gera no filho um misto de sentimentos e emoções desordenados. Por outro lado, Seroff é um senhor solitário, insociável, que vive em uma casa em Nova Iorque também.

Eles partem juntos para uma casa de veraneio na Pensilvânia, onde o velho possui uma casa e é a partir daí que começa a grande empreitada do vínculo de ambos, convivendo diariamente, passando a conhecer melhor o mundo um do outro. Por exemplo, o jovem passa a observar que Nicholi ingere diariamente doses consideráveis de bebida alcoólica e o velho passa a delegar para John pequenas reformas na residência.

Na Pensilvânia, Seroff é convidado por um amigo, Curtis Sunday (Ron Perlman), para ser jurado de uma exposição de arte progressiva, porém, ao aceitar o convite ele se decepciona com o resultado. Em resposta a não validação deste tipo de arte, na concepção de Nicholi, John e ele vão à escola a qual o velho leciona pintura esporadicamente, como uma espécie de trabalho social para crianças portadoras da Síndrome de Down e recolhem alguns dos desenhos e pinturas produzidas por elas. É então que convida o casal Curtis e Sandra (Julie Lott), para um jantar de domingo e apresenta as telas para eles, e questiona sobre o que ele acha sobre as pinturas, que ele denominou como arte progressiva. Curtis alega ver profundidade, ânsia, dor, grande senso de desespero, raiva, entre outros adjetivos. Diante da análise de Curtis, Seroff fala que tudo isso é uma besteira, revelando a fonte de origem dos traçados. Neste momento, o velho sobe em cima da mesa e começa a dançar, e Sandra, John e Seroff desfrutam de um clima descontraído repleto de risadas.

Mais adiante, John, em uma conversa sobre a vida com Carla (Samantha Mathis), vizinha e amiga de Nicholi, demonstram interesse um para com o outro, interesse que tem como desfecho um beijo. Neste momento Seroff, que estava dormindo, acorda e presencia a cena, mas apenas observa sem explicar palavra alguma, denotando insatisfação, pois Carla o fazia lembrar a esposa. John a leva até a porta da sua residência, e ao retornar Seroff discute com John, alegando que ele não tinha o direito, pois Carla era sua amiga, e não do jovem. O velho então pede que John vá embora, verbalizando que ele entrou em sua vida e a pôs de pernas para o alto. O jovem, por sua vez, diz que foi enganado, fazendo alusão ao propósito de vir para a casa para aprender a pintar e não para fazer manutenções. Nicholi expõe que o jovem é um bobo, incapaz de observar todos os presentes que lhe dera por ser muito jovem. John fala que

vai embora mesmo, enquanto o outro permanecerá com as bebidas. A situação acaba fazendo com que o velho exponha os seus motivos, afirmando que o jovem não entenderia a finitude da sua vida amarga, um mundo feio que lhe arrancou a coisa mais linda, a sua esposa Ania, que não faria parte da feiura deste mundo. A confiança é acompanhada de lágrimas por ambas as partes. Nicholi então declara que sempre soube que o jovem tinha algo de muito especial, mas sabia que seria loucura, pois não há mais heróis nas pinturas. John expõe que esperava que o velho fosse o dele.

O dia seguinte se inicia com muitas descontrações, Seroff finge estar morto, até observar a preocupação do jovem, resultando em um momento de gargalhadas e o convite da parte do velho para pintar.

Ao chegar em frente a uma paisagem no campo o mestre começa a inundar o aprendiz de conhecimentos, conhecimentos manifestos em metáforas, como por exemplo, quando compara que as cores das tintas devem sempre estar no mesmo lugar como as teclas de um piano, para que os músicos possam se expressar, a paleta ser sempre a mesma, o céu é como uma mulher, quando beija seus lábios quentes, ela deixa cores em todas as partes, como o emprego de sentimentos, a mata quente, mas oposta à guerra, e também o abrir caminhos para sentir a vida.

Antes de retornarem a Nova Iorque, Nicholi agradece a John pela oportunidade concedida, pois o jovem proporcionou ao velho sentido para a vida, além de fazer com que seu pincel, como uma bailarina, retornasse aos palcos das telas de pintura. Paralelamente, também mobilizou Seroff ir à sua residência, logo que chegaram de viagem, sem o conhecimento e até antes dele, defender a causa que o jovem tem com o pai. Relata a este as características galanteadoras do jovem para com Carla, contexto que sanava as preocupações do genitor, aparentemente homofóbico, fazendo com que o jovem fosse acolhido pacificamente.

O aprendiz perde seu mestre, que falece na próxima primavera, e uma parte sua morre junto. Porém, na proporção em que o tempo passa, tudo o que aprendera começou a ressoar, e então, John percebeu que a promessa que ele fizera a Seroff perdurava: a promessa de que o coração de Nicholi seria o seu lar, e que ele esperou pacientemente para compartilharem a jornada, aquela, a qual seu mestre falara que ocorreria quando a jovialidade passasse, tudo iria realmente fazer sentido. Descreve que “aos 20 e poucos anos, vai se lembrar do que ele disse e dizer, que maluco era aquele velho. Aos 30 e poucos, vai se lembrar apenas de algumas palavras que dissera. Mas aos 50 anos, vai dizer, aquele desgraçado russo, tinha razão sobre muitas coisas”.

John elucida que ainda vê árvores como homens nus, as nuvens são o lugar para onde os anjos sobem, como se a sua percepção para com o mundo estivesse integrada com as heranças da ótica de Nicholi.

5.2 ANÁLISE DO FILME

5.2.1 Primeira cena

“Nicholi expõe que o jovem é um bobo incapaz de observar todos os presentes que lhe dera por ser muito jovem. John fala que vai embora mesmo, enquanto você vai para as bebidas se referindo a Seroff. A situação acaba fazendo com que o velho exponha os seus motivos e que o jovem não entenderia a finitude da sua vida amarga, um mundo feio que lhe arrancou a coisa mais linda, a sua esposa Ania, que não faria parte da feiura deste mundo. A confiança é acompanhada de lágrimas por ambas as partes. Nicholi então declara que sempre soube que o jovem tinha algo de muito especial, mas sabe que seria loucura, pois não há mais heróis nas pinturas, John expõe que esperava que o velho fosse o dele”.

Nesta cena é possível observar as consequências de uma vida não vivida e o impacto da metanoia, fazendo alusão a melancolia de Seroff, justamente por não ter vivenciado uma vida conjugal plena, com experiências familiares, junto de sua falecida esposa, Ania.

Reforçando o argumento, segundo Arcuri (2012, p.88), quando a travessia da vida não foi sinônimo de alegrias, conquistas ou vitórias, a expansão da própria consciência em virtude da metanoia, também poderá cobrar o seu preço ao valor da depreciação do viver.

Também nesta cena, é possível observar a importância de um terceiro lugar frente o confronto da dinâmica da sombra x persona, pois a identificação de Seroff, com o arquétipo sombra, transmutava a sua persona, fazendo ressurgir um paralelo nestes contrapostos de arquétipos (sombra e persona).

Confrontar a sombra, deixou suas contribuições, pois no momento em que John beijou Carla, aquela a quem faz Seroff lembrar a sua esposa Ania, é certamente a perda da esposa que lhe abre a porta do cárcere, lhe dando aporte para a identificação com a sombra, este embate permitiu uma catarse. A influência da sombra no ego trouxe reflexo para sua persona, mas o terceiro lugar trouxe a real modificação, sendo representado por John, visto que no filme, em dado momento, Seroff verbaliza a seu amigo John que ele mostrou algo que não cogitava mais ser possível ver no mundo, portanto, isso o surpreendeu e mudou seu mundo interno, resultando em uma configuração positiva para ele, pois seu pincel ganhou expressão novamente, voltando a bailar nas telas de pintura.

Para embasar essa ideia, conforme Stein (2006, p.111-113), o legado da sombra é justamente se opor a persona, se uma é luz a outra é ausência de qualquer fonte luminosa, se as atitudes de uma se orientam à maleficência, na contramão desta a outra propende para as paixões, todavia há a administração do ego perante estes pares contrapostos, o censo egóico

gerencia a margem ao qual serão lançadas tais características, o limiar da consciência ou do inconsciente, as atribuições da persona concernente as inspirações do ego conquistarão expressões, e todo material avesso a tal inspiração, será recalçado no inconsciente, na sombra, como se esse violasse os preceitos da sociedade ou do próprio eu.

No entanto, é possível estimular o ego para um terceiro lugar ao qual seja viável uma espécie de fusão, que não o lugar do primeiro, a persona, ou do segundo, a sombra, apenas para dar notoriedade a um terceiro lugar, pois os demais lugares são estreitamente defensores de suas estruturas, ou de certo modo, do seu caráter, para se flexionarem ao ponto de uma integração.

5.2.2 Segunda cena

“Após algumas frustrações na tentativa de se relacionar e aprender com Seroff, é que John encontra uma abertura para conhecer melhor o senhor e se depara com o verdadeiro sentido da arte, pois o velho sugere que ele vá para a Universidade, mas é surpreendido com a resposta de John que relata que não se ensina arte nesse lugar, ele imediatamente concorda, afirmando que realmente, não se ensina e que Deus os livre de ensinar algo tão substancial e figurativo, visto que, há uma limitação para a criatividade na universidade”.

Neste trecho a relação puer-senex, fica em evidência: o ímpeto e a franqueza do puer, quando o jovem insiste que o velho sábio lhe ensine e o direcione rumo aos seus objetivos, em contraposição ao polo senex, que evidência neste trecho, as características conservadoras e rotineiras, quando não abre as portas a princípio para o jovem, peculiaridades típicas do velho sábio na segunda cena da vida.

Para corroborar, recorro a Pandini (2014, p.62- 63), que descreve que o equilíbrio funcional entre o puer e o senex, levando em consideração a segunda cena da vida, tem seus embaraços. Podemos refletir que as ponderações da idade podem levar o ser à predileção ao velho sábio, pois, a concepção de que a transformação ocasionada pelo tempo nos direciona a oferecer adjetivos à idade de sabedoria correlacionada às próprias experiências vividas, o que de certo modo, tem potencial para inibir as características atreladas do puer, considerando suas manifestações natas como a criatividade e a capacidade de promover novas nuances sobre o mundo interno e externo.

5.2.3 Terceira cena

“Ao chegar em frente a uma paisagem no campo o mestre começa a inundar o aprendiz de conhecimentos, conhecimentos manifestos em metáforas, como por exemplo, quando compara que as cores das tintas devem sempre estar no mesmo lugar, como as teclas de um piano, para que os músicos possam se expressar, a paleta ser sempre a mesma, o céu é como uma mulher, quando beija seus lábios quentes, ela deixa cores em todas as partes, como o emprego de sentimentos, a mata quente, mas oposta à guerra, e também o abrir caminhos para sentir a vida”.

No entanto, as contribuições destas polaridades quando subsidiadas tem como reflexo uma troca rica, o ímpeto do jovem em criar, em buscar novos paradigmas contagia o velho sábio, por outro lado o senex, inunda o puer das “águas da sabedoria”.

Segundo Pandini (2014, p.32), para a boa disposição mental, as modificações expressadas pela metanoia não podem deixar de subsidiar polaridades como o puer e o senex, pois se o velho sábio, na figura do arquétipo senex, for negligenciado, glórias como erudição, conhecimento, gnose, por exemplo, estariam à deriva e, da mesma forma, o jovem, na figura do arquétipo puer, que traz aspectos como a animação, franqueza, ímpeto para lutar pelos seus objetivos, entre outros.

5.2.4 Quarta cena

“O aprendiz perde seu mestre que falece na próxima primavera, e uma parte sua morre junto, mas na proporção em que o tempo passou, tudo o que aprendera começou a ressoar, e então, John percebeu que a promessa que ele fizera a Nicholi perdurava, promessa ao qual o coração de Nicholi seria o seu lar, e que ele esperou pacientemente para compartilharem a jornada, aquela, a qual seu mestre falara que ocorreria quando a jovialidade passasse, tudo iria realmente fazer sentido. Descreve que “aos 20 e poucos anos, vai se lembrar do que ele disse e dizer, que maluco era aquele velho. Aos 30 e poucos, vai se lembrar apenas de algumas palavras que dissera. Mas aos 50 anos, vai dizer, aquele desgraçado russo tinha razão sobre muitas coisas”.

John elucida que ainda vê árvores como homens nus, as nuvens são o lugar para onde os anjos sobem, como se a sua percepção para com o mundo, estivesse integrada com as heranças da ótica de Nicholi”.

Nesta cena podemos encontrar campos para fundamentar os arquétipos em sentido da individuação. Diferentemente de quando ele diz que estava à deriva, John atribui notoriedade a tudo o que aprendeu, pois, ao mesmo tempo em que o self emana energia para o ego, o self se

relaciona com os demais arquétipos, contribuindo para que os pares de contrapostos encontrem equilíbrio, e tudo isso ocorre quando John se encontra consigo, um encontro dentro do coração de Nicholi, como uma metáfora de integração, pois quando Nicholi, após esperar pacientemente para compartilhar a mesma jornada, como um “condutor de almas” é o mesmo tempo em que o self compartilha sua jornada junto ao ego, na segunda metade da vida, sob a influência da metanoia.

Ainda segundo Pandini (2014, p.56), no que rege a universalidade do self, a metanoia incita uma reformulação de longa escala no ego, atingindo diretamente as demais instancias psíquicas, arquétipos como anima e animus, sombra e persona. Posteriormente, essa unificação significativa dos polos opostos se correlaciona, viabilizando uma alteração na personalidade e, portanto, a integração, individuação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da existência humana, muitos processos, embates, elaborações e até mesmo relações se estabelecem na vida intrapsíquica do indivíduo, portanto, conhecer os elementos que concernem seu mundo interno e externo como as relações, a cognição, os afetos e desafetos, requer uma interlocução com o ego, o self, e outras tantas partes que correspondem ao inconsciente.

A metanoia é exatamente o processo psicológico que promove e auxilia essa dinâmica de interlocução entre ego e self, e todos os outros discorridos no presente trabalho.

O objetivo geral desse trabalho foi analisar e compreender de que forma o impacto da metanoia é demonstrado na literatura, apresentando influentes aspectos para o desenvolvimento da personalidade humana.

A partir da perspectiva junguiana foi possível apreender que a essência da metanoia se dá por meio da aquisição de uma nova perspectiva de enfrentamento com relação a vida, ao outro e a si mesmo.

Entretanto, existem poucos estudos e produções acerca da temática em questão, se fazendo necessários mais estudos sobre o assunto apresentado, até mesmo, para refletir o lugar da metanoia na clínica, visto que existem poucas produções a respeito.

O filme “O mestre da vida” ilustra em suas cenas componentes valorosos que suscitam muitos embates arquetípicos que perpassam pela fase da metanoia, dispondo de aportes que exemplificam como se dão os comportamentos, expressões e sentimentos próprios de cada um deles, e que naturalmente governa a vida do indivíduo.

Desta maneira, é de extrema importância que, não somente o conceito de metanoia, mas seu real significado e sua aplicabilidade seja mais difundido, para que seja levada em consideração ao analisar a personalidade propriamente dita, permitindo estabelecer parâmetros, inclusive. E mesmo, consolidar os alicerces para que uma passagem significativa sobre a metanoia ocorra de forma mais assertiva e menos patológica, promovendo um equilíbrio entre todas as instâncias psíquicas, ao invés de apenas uma identificação com alguma das partes envolvidas.

Portanto, a título de conhecimento e aplicabilidade, entre outros, a metanoia deve ser utilizada e reconhecida até mesmo como modo de profilaxia, pois contempla uma compreensão muito abrangente do ser humano, sendo incontestável seu valor e contribuição para a Psicologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCURI, I.P.G. Velhice e Espiritualidade – Metanoia, “A segunda metade da vida”, segundo Carl Gustav Jung. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 87-104, jun. 2012.

FERRENTINI, T.M. **Psicologia analítica e orientação profissional e de carreira: contribuições para atendimento na metanoia**. São Paulo, 2019. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciências) pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

GAETA, I.; MENDES, D.C. Velhice e metanoia- uma análise do filme hanami: Cerejeiras em Flor. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 41-63, jun. 2016.

JACOBI, J. **A psicologia de C.G. Jung: uma introdução às obras completas**. Coleção Reflexões Junguianas, tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

JACOBI, J. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. Coleção Reflexões Junguianas, tradução de Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

JUNG, C.G. **AION - Estudos sobre o simbolismo do si mesmo, Volume IX/2** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1982.

JUNG, C.G. **Tipos psicológicos - Obras completas de C.G. Jung, Volume VI**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.

PANDINI, A.L.R. **Metanoia: caminho para o desenvolvimento do meio da vida**. São Paulo, 2014. 175f. Dissertação (Mestrado em Ciências) pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 out. 2021.

STEIN, M. **Jung: o mapa da alma (uma introdução)**. São Paulo, SP: Cultrix, 2006.